

3º Lugar

Pseudônimo: RUSTY JAMES

PIZZAS

Fabício Marques de Oliveira

LETRAS

Mestrado em Lit. Brasileira

“Nós nascemos sozinhos, vivemos sozinhos e morremos sozinhos. Somente através do amor e das amizades é que podemos criar a ilusão, durante um momento, de que não estamos sozinhos”.

ORSON WELLES

pensem no prédio, no 14º andar deste prédio, num apartamento do 14º andar, onde moro sozinho, acabei de mudar para o único edifício em tom sépia de uma rua movimentada, pensem no apartamento, no suor do apartamento, pois esta noite -especialmente esta noite- o calor é insuportável, meu nome é José Arcadio e tenho para mim que sou diretor de cinema, não obstante nunca ter dirigido nenhum filme, nenhum diploma possuir, é preciso que eu diga, a bem da verdade, que respiro cinema, vício ou virtude, conforme queiram, que outorgou-me a paixão aos filmes e a ilusória profissão,

um filme é a vida sem as partes chatas, disse o velho mestre do suspense; eu, por meu turno, construo planos descritivos, dramáticos e psicológicos, faço montagens paralelas, tento descobrir ângulos inusitados, só para se ter uma idéia, enquadro todas as cenas que se oferecem aos meus olhos, como se tudo o que vejo e vivo fizesse parte do filme, de maneira que eu era a vida que filmava imaginando viver, ou o contrário, que no fim das contas, é a mesma coisa,

Estou sozinho na sala ouvindo músicas antigas que tocam no apartamento vizinho e que não me deixam estar sozinho, espero o telefone tocar, devo ouvir a voz de bety (oi, querido), é possível que eu dose a voz com ansiedade e desdém, todo cuidado é pouco, (oi), seremos mostrados alternadamente, campo e contracampo, duas faces da mesma realidade, mas o telefone não toca, que diabos, ligo ou não pra ela (o que houve, por que me deixou esperando?), em momentos de dúvida costumo elaborar subterfúgios, penso na primeira vez que nos encontramos, de como nos aproximamos, e quando ela me convidou para jantar, deliberadamente menti (faço de tudo, menos cozinhar), levando-a a assumir sozinha o pretexto para nos engalfinharmos naquela noite em que: corto o subterfúgio.

o desdém cede à ansiedade, resolvo afinal falar com bety, coloco o aparelho no ouvido, está mudo, mudinho, então é isso, o aparelho não funciona, meus olhos viajam através da janela, panorâmica vertical, até chegar lá embaixo, na rua, lembro que há o orelhão na esquina, devo descer os 14 andares, chegar ao orelhão, ligar para bety, eu e bety sempre vamos ao cinema e depois à casa dela, onde é preparado algo para comer, talvez vocês não acreditem, mas coloco a culinária como a primeira das artes, precedendo até mesmo a sétima e as outras, por que não?,

bety cozinha muito bem, esgalga o prazer gastronômico e apura os posteriores prazeres, diante de um prato servido por betty pode-se dizer que tal especiaria despertava em mim a dança dos apetites, como alavanca o apetite físico acionava o apetite espiritual que, por sua vez, empurrava-nos para a cama, vou despindo bety, eu e bety vamos nos procurando, esta é a nossa festa,

Já descí todos os andares, olho para cima, procuro na confusão de luzes acesas e apagadas do prédio onde moro sozinho qual pode ser minha janela, acabei de me mudar, meu nome é José Arcadio e tenho para mim que sou diretor de cinema, olho em contre-plongée para o prédio, mas preciso telefonar, em frente ao orelhão há um bar, o dono do bar tem bigode enorme e me olha, solerte, uma mulher está ao telefone cinco, dez, quinze

minutos, impaciente-me, faço cara de mau, vinte minutos, de tão perto dá para ouvir o que diz, o que a principio era algaravia aos poucos torna-se dialeto íntimo, as palavras vão me tocando, desarmando minha raiva, ao ponto de sentir uma ternura inédita pela desconhecida,

ao desligar, ela se vira e me olha cinco segundos, cinco segundos que parecem dez, quinze, vinte mil horas, entre nós desenrola-se o fio de uma substância mágica, penso em dizer algo (meu nome é José Arcadio e tenho para mim que sou diretor de cinema), mas não digo nada, as palavras às vezes atrapalham, cortam o ritmo, entretanto preciso dizer alguma coisa, qualquer coisa, e antes que eu fale ela interrompe o silêncio, meu, dela, nosso (gostaria de ficar aqui, mas estou com pressa, tenho problemas para resolver), (mas quando te verei de novo?), (não se preocupe, nos encontraremos, estou sempre por aqui), ela vai embora, mas o fio não se parte, fico parado um tempo, pensando: as palavras, entre parêntesis, sentem solidão?,

súbito sinto desprezo por Bety, as pequenas coisas de Bety me irritam mais que nunca, sua mania de conferir ao acaso, atribuir a um determinismo (do acaso) imbecil todos os acontecimentos da vida, levavam-na a dizer, de meia em meia hora, que isto é uma contingência (isto é uma contingência), vejam vocês, íamos fazer bobó de camarão e na hora determinada para fazer o tempero eu havia esquecido um dos ingredientes (não se preocupe, isto é uma contingência), ela não sabia, ou fazia que não sabia, que viver é decupar, muitos dizem que o cinema é a arte das elipses, é preciso escolher, ordenar cenas e fatos, muito embora eles, os outros, é que decidem por você, o que não é novidade, mas não devo pensar em Bety (Bety, saia do meu pensamento),

volto para o 14º andar do prédio, para o apartamento que me espera com as unhas afiadas, entro e fecho a porta, estou sozinho(ou penso que estou), tomo banho e deito, duas, três, quatro, dezenas de formigas caminham do teto em direção à parede ao lado do guarda-roupa, levanto, vou à cozinha, do forno retiro restos de pizza, requeijo o que sobrou, sujeite-se a tudo, menos a comer um pedaço de pizza requeijado, às duas



Ilustração: Sílvia Campos Aroeira

da madrugada e ainda por cima sozinho, volto com a pizza para o forno, de novo na cama tento dormir, o fato de as formigas terem sumido me acalma um pouco, no entanto me levanto, vou para a sala onde fico andando de um lado para o outro, contando os passos, sento-me no sofá, começo a ler um livro, só não conhecia certa palavra em todo o livro, vou ao dicionário e procuro a palavra, "ligustro", não encontro a definição, fico órfão de ligustro, volto pra cama e afinal consigo dormir,

o telefone ainda está mudo, devo lembrar que já é a noite do outro dia, desço o elevador, dirijo-me ao bar e peço uísque, com duas pedras de gelo, por favor, quando vou ao orelhão a moça já está lá, fico aliviado, levo comigo o copo, não sei por que ela está chorando, muito e muito, olhamos um para o outro, eu bebia, ela chorava, procurávamos uma verdade que o álcool desperta e a lágrima revela,

deveria me apresentar (meu nome é José Arcadio e gosto muito de cinema, já dirigi uns filmezinhos por aí), convidá-la com a ressalva (faço de tudo, menos cozinhar), por certo ela diria (não se preocupe, isto é uma contingência), poderia fazer perguntas, mas não dizia nada, o fio que nos unia era feito da mesma substância da parede invisível que desde sempre ergueu-se entre nós, tudo é tão difícil e tão simples (gostaria de ficar aqui, mas, você sabe, problemas) ela diz e vai embora,

meu coração, minha câmera, faz movimentos laterais, em profundidade, centra seu interesse na ação que se desenrola, tudo parece sonho, no bar tomo outro uísque, penso no último encontro com Bety (hoje teremos sopa de cebola), preparamos os ingredientes, 1 litro de caldo de galinha, meio quilo de cebolas peladas e picadas, 100 gramas de queijo gruyere em fatias, mas não se pode esquecer, em nenhuma hipótese, do copo de champagne seco, do sal e das torradas,

numa panela, derreter a manteiga, juntar a cebola para fritar, abafando, mais meio copo de champagne e as amêndoas cruas, salgar a gosto, para servir, em terrinas individuais, colocar a sopa salpicada com queijo parmesão, cobrir a superfície com torradas, salpicar com parmesão e cobrir com gruyere, finalmente levar ao forno para gratinar,

quando retirar do forno, despeje uma colher de champagne e salpique amêndoas torradas, bom apetite, o dono do bar me olha com seu bigode, pago a conta, inclusive os 10%, onde nós estamos, meu Deus, 14 andares me esperam, nunca disse a ninguém (isto é uma contingência), nem a bety, nem a vocês, o que mais gosto de comer é pizza, qualquer tipo, calabresa, ao alho, portuguesa, não esquecendo da mista, naturalmente, decido convidar a mulher do telefone para uma pizza,

Já passou o dia, devo encontrar-me com a mulher do telefone, a moça sem nome, a música do vizinho (blues) continua a tocar, nunca estamos sozinhos, o telefone ainda mudo, penso em coisas boas para dizer, ela me olhará nos olhos e juntos resolveremos o terrível problema, pois direi que viver tem me ensinado, todos os dias, que é valioso amar a vida, a despeito de todas as angústias, mas está acima disso amar as pessoas que a vida coloca em nosso caminho, o que concede toda graça em viver, ou não direi nada disso, isto não é coisa que se diga, muito piegas, bagatelas de palavras emocionais,

estou esperando há algum tempo e ela não apareceu, sento-me no meio-fio da calçada, e é então, mas só então, que o dono do bar vem ao meu encontro (ela não vai aparecer, ela ficava aí, ao telefone, muito antes de você surgir, fingindo que conversava com alguém), (o que você quer dizer?), (na verdade, ela conversava com o vazio, com o contínuo barulho de ocupado do aparelho, loucuras, rapaz, loucuras), em primeiríssimo plano a câmara aproxima-se de minhas mãos que se contorcem, nervosas, sobe aos olhos e aí se fixa, até tudo escurecer, em fade-out, onde acontece, como se sabe, o desaparecimento total da imagem,

sinto-me igualado à moça do telefone, ambos temos (como todos os outros) este mundinho de luz e merda a que recorremos com a devida delicadeza quando precisamos, e quase sempre precisamos, que é o espaço onde coexistem harmoniosamente seres e coisas imaginários, como receitas culinárias, interlocutores de telefone, filmes de segunda categoria e a minha bety,

e até mesmo neste segundo mundo, a solidão que reverbera prevalece sobre os olhos que se buscam